RADIOFONIAS
REVISTA DE ESTUDOS DE RÁDIO E MÍDIA SONORA

antiga Rádio-Leituras | ISSN 2675-8067

Estudos sobre música e podcast

Studies on Music and podcast

Estudios sobre música y podcast

Carlos Jáuregui, Daniel Gambaro

O dossiê **Estudos sobre música e podcast** revisita um desafio histórico dos estudos de rádio e mídias sonoras. De forma paralela ao longo e necessário processo de constituição de um campo de pesquisa com abordagens, metodologias e marcos conceituais próprios (em grande medida independentes de outras disciplinas que estudam o som, como a física acústica ou a musicologia), somos frequentemente interpelados a olhar para objetos e problemáticas que nos colocam em diálogo com outras tradições e percursos acadêmicos. É no centro dessa tensão entre gestos de delimitação e de abertura que esta edição da Radiofonias se volta para a discussão de um elemento do universo radiofônico que também é muito caro a outras áreas: a música. Algo que não apenas interessa a diferentes disciplinas e perspectivas, mas que pode embaralhar fronteiras teóricas.

>> Como citar este texto:

JÁUREGUI, Carlos; GAMBARO, Daniel. **Estudos sobre música e podcast**. Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 17, n. 01, p. 01-11, jan./abr. 2026.

Sobre os autores

Carlos Jáuregui
carlos.jauregui@ufop.edu.br
https://orcid.org/0000-0003-2180-1176

Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e da Graduação em Jornalismo da UFOP. É mestre em Linguística e doutor em comunicação pela UFMG, com pesquisa de pós-doutoramento pela USP. Participa dos grupos de pesquisa Grupo de Pesquisa em Mídia e Interações Sociais (GIRO/UFOP), Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (CONJOR/UFOP) e Grupo de Pesquisa em Sonoridades, Comunicação, Textualidades e Sociabilidade (Escutas/UFMG).

Daniel Gambaro
d.gambaro@outlook.com
https://orcid.org/0000-0003-0903-8788

Pesquisador de mídias sonoras e audiovisuais. Pesquisador de pós-doutorado junto ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. É doutor e mestre pelo PPG Meios e Processos Audiovisuais da ECA/USP. Participa do Grupo de Estudos e Produção em Mídias Sonoras (MidiaSon/USP) e do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (CONJOR/UFOP).

Para sermos ainda mais específicos nessa empreitada, definimos que as discussões do dossiê diriam respeito ao podcasting, isto é, às formas como a música se articula com esse tipo de produção sonora sob demanda — entendida por uns como herdeira da tradição radiofônica e uma forma de rádio expandido (Kischinhevsky, 2016) e, por outros, como uma representante de uma nova cultura aural ou um objetivo de natureza híbrida, constituído em grande medida pela sua natureza plataformizada (Rossetto, 2024; Bonini, 2022; Llinares & Fox, 2018). Desse modo, convidamos pesquisadores(as) a submeter trabalhos que pudessem nos ajudar a compreender tais conexões, seja pela perspectiva da música como um elemento para a construção narrativa e estética desses produtos sonoros, seja tendo a música como um objeto a ser referenciado ou comentado.

Olhar de forma mais detida para o podcast talvez nos permita identificar algo de original neste dossiê, mas reconhecemos que gestos semelhantes já foram realizados previamente. Afinal, nosso campo já encampou, em mais de um momento, o debate sobre o papel da música na linguagem radiofônica e nos usos desse meio ou instituição social.

Nesse sentido, é possível identificar ao menos duas perspectivas mais frequentes para a problemática em questão. Em uma delas, a música é entendida como o elemento-chave das emissoras categorizadas como “musicais” ou que dedicam parte de suas grades a uma “programação musical”. Historicamente, a música tem estado no centro da programação, acompanhando a profissionalização e consolidação da indústria fonográfica brasileira desde os anos iniciais das transmissões radiofônicas. Diferentes estudos demonstram que a música popular já figurava em emissões dos anos 1920 e 1930, seja por meio de reproduções de discos ou por músicos contratados pelas estações (Benzecry, 2017; Pinto, 2014, Vicente & Marchi, 2014). Segundo dados do IBGE compilados em Gambaro (2025), ao longo da chamada “era de ouro” do rádio (entre as décadas de 1940 e 1950) mais de 50% da programação radiofônica brasileira era musical. A história do rádio se entrelaça, assim, com a da indústria fonográfica que, conforme Ortiz (2006), se desenvolve no período de urbanização do Brasil –

momento em que emerge com mais força uma "indústria de bens simbólicos".

As estações de rádio e seus comunicadores se tornam um importante flanco para a divulgação da lucrativa indústria do disco, servindo como espaço fundamental para consolidação de *hits* e artistas. Ao mesmo tempo, a música se torna chave importante para que se compreenda o processo de segmentação de públicos das emissoras, algo que ocorre especialmente a partir da década de 1970 – e se intensifica nos anos 1980 com a multiplicação das estações em FM.

Ou seja, a música torna-se a principal responsável pela construção da identidade de uma rádio, que pode tocar música nacional ou internacional, apostar no universo erudito ou popular, ou mesmo investir em gêneros musicais particulares: uma frequência para quem ouve rock ou gospel, por exemplo. A escolha dos estilos musicais estaria vinculada a variados segmentos e demografias do público. Surgiram, assim, classificações como *adult contemporary*, *flashback*, *top 40*, *country*, *easy* ou *golden music* (Ferraretto, 2014). Tais expressões em inglês refletem o modo como as emissoras musicais norte-americanas se organizaram e se segmentaram ao longo do século XX. No Brasil, também fizemos tal exercício de classificação, com maior ou menor informalidade, com adaptações e adições a essas nomenclaturas.

Outra vertente se voltou para a compreensão da música como parte da linguagem radiofônica. Movidos por tal questionamento, autores e autoras buscaram discutir quais os papéis que o componente musical desempenha em programas de rádio ou podcasts, tendo em vista os sentidos comunicados por música(s) em narrativas sonoras, quase sempre em articulação com outros elementos desse universo sígnico.

Nesse sentido, uma abordagem canônica em nossa área foi desenvolvida pelo pesquisador catalão Armand Balsebre (2005), que identifica a música como elemento da linguagem radiofônica em articulação com outros dois componentes sonoros (voz/palavra e efeitos sonoros) e um não sonoro (silêncio). Nesse quadro semiótico, a música exerce duas funções básicas: expressiva, com a criação de climas emocionais e atmosferas sonoras, e descritiva, com a descrição de uma

paisagem ou de uma cena onde o relato sonoro se desenvolve. A primeira dessas funções teve certamente maior relevância nas reflexões do autor:

> A música é a imagem no rádio. Com o ritmo e a melodia da música, denota-se movimento e cor, já a harmonia produz a profundidade espacial (figura/fundo). Associamos uma música a uma determinada imagem e a um movimento afetivo porque imagens semelhantes já foram sugeridas por ritmos, melodias e harmonias semelhantes anteriormente. E como a música é a linguagem da emoção, ela conota uma relação afetiva com o ouvinte. (Balsebre, 2005, p. 333)

Nesse contexto, dizer que "a música é a imagem no rádio" tem consequências relevantes, e não necessariamente contradiz a postura de quem pensa o rádio como meio estritamente sonoro (o que retomaremos adiante). Afinal, as imagens não são necessariamente visuais, podendo ser acústicas, gustativas, táteis ou olfativas (isso, se pensarmos apenas em relação aos sentidos humanos). Chama atenção também, no trecho destacado, o fato de a associação imagética sugerida pela música no rádio ser mediada por imagens anteriormente sugeridas por outras músicas. Observa-se, então, por essa perspectiva, um imaginário radiofônico e musical de natureza prevalentemente acústica.

No que diz respeito à articulação, contraposição ou mesmo separação entre o universo sonoro e o visual, não devemos perder de vista os aportes do estudioso das artes Rudolf Arnheim (2005). Visto como uma de nossas referências fundadoras, ele defendeu a constituição de uma teoria e de uma tradição radiofônicas completamente desvinculadas do visual; e, no centro dessa formulação, situa-se a música, que

> é o mais puro produto radiofônico imaginável. Não indica nada por trás do alto-falante, não é o som vindo de um espaço visível, mas é um processo, digamos assim, que se dá no alto-falante mesmo. Não requer nenhuma interpretação do som, mas apenas a apreensão do som em si mesmo e de sua expressão!
> [...] ao mesmo tempo, é também o campo mais rico de efeitos para o rádio, porque apenas no campo do som puro, e não representativo, é que toda a profundidade das relações de harmonia, melodia e ritmo pode se empregada, e são estas coisas que constituem a inexaurível mina da expressão musical... (Arnheim, 2005, p.94-5)

Outras contribuições valiosas para esse debate provêm de outras áreas,

uma vez que a própria musicologia está longe de resolver os questionamentos sobre a relação entre música/som e imagem. É o caso do teórico canadense Murray Schafer (2012), que distingue a música *absoluta* e a *programática*. Na primeira delas, paisagens sonoras ideais da mente são modeladas, sem vinculação com o ambiente externo. Na segunda, ocorre uma imitação do ambiente, evocando imagens extramusicais. Tal classificação — cara para músicos e musicólogos — acabou por se incorporar ao nosso campo, como uma perspectiva relevante e frequentemente revisitada.

Trabalhando especificamente com o universo radiofônico, o estudioso argentino Ricardo Haye (2005), por sua vez, trabalha com mais de uma classificação. A primeira delas, entre a música *autônoma* (com a inclusão de peças musicais completas na programação do rádio) e a música *auxiliar* (por meio de temas de aberturas, sintonias, entre outros). Com maior ênfase no que chama de música auxiliar e em diálogo com autores como Victoriano Fernández Asis e Rafael Beltrán Moner, Haye organiza um conjunto de cinco funções para a música no rádio: *gramatical* (atua como sistema de pontuação); *descritiva* (música objetiva, com caráter cenográfico); *expressiva* (música subjetiva, para a criação de climas); *complementar ou de reforço* (suplementa, completa ou aperfeiçoa uma mensagem) e *comunicativa* (equivalente à música autônoma). De forma geral e de um ponto de vista operacional do processo de produção radiofônica, tais funções convergiriam para uma melhor assimilação de informações transmitidas verbalmente (Haye, 2005).

Tal perspectiva evidencia, mais uma vez, a primazia da palavra falada em relação ao elemento musical, em alinhamento tanto com Balsebre (2005), que defende tal preponderância, quanto com o teórico do cinema Michel Chion (2011). Este, apesar de não ter o rádio como objeto, observou que a presença da voz no audiovisual costuma hierarquizar a percepção em torno dela, e tal percepção acabou se mostrando pertinente para o universo radiofônico, fazendo com que esse autor fosse considerado amiúde em nosso campo. Haye (2005) é um dos teóricos que propõem esse diálogo.

A tais classificações somam-se outras, permitindo a diversidade de abordagens. Por exemplo, o documentarista estadunidense David K. Dunaway (Gambaro; Vicente, 2017) afirma que em algumas peças sonoras (como o documentário e dramatizações) as músicas podem ter relevante função *narrativa*. Enquanto a voz atua como elemento factual, captado nas entrevistas ou na paisagem cotidiana, ou como elemento de continuidade, representado pela voz do narrador, as músicas, com letras e melodias que carregam tempo e significado específicos, podem ser usadas para mover a história que está sendo contada.

Como vimos até este momento, um ponto relativamente constante e aparentemente pacífico, é uma distinção de base entre a música como componente central na programação das "emissoras musicais" e a música como elemento que exerce funções narrativas e estéticas na constituição de produtos sonoros. Nas palavras de Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005): a música como "conteúdo da programação" ou como "linguagem".

No que diz respeito aos diálogos com o campo do audiovisual, vale outras menções além das que já foram feitas a partir de Chion. Podemos destacar também os trabalhos do pesquisador brasileiro Eduardo Vicente, que parte do ferramental teórico-metodológico de Claudia Gorbman (1987) — pensado inicialmente para o estudo da música orquestral no cinema — em busca de uma compreensão dos usos da música em diferentes produções centradas no universo sonoro. As análises do autor englobam desde radiodramas da segunda metade do século XX (Vicente, 2024), até podcasts narrativos produzidos nos dias de hoje (Jáuregui e Vicente, 2025).

As categorias propostas por Gorbman (1987), que também podem ser entendidas como uma reunião de princípios, dizem respeito à chamada "música não diegética", isto é, aquela que não é executada em cena (por equipamentos sonoros, instrumentos, canto ou dança). No caso do audiovisual (relação imagem *vs.* som), os gestos de execução ou o aparato técnico que produzem essa música não são visíveis; no caso do rádio (relação som *vs.* som), os bastidores desse "aparato" (integrado por indivíduos que manipulam ou interagem com

instrumentos ou equipamentos) não serão audíveis e a existência dessa música não será mencionada verbalmente. Os princípios de ordenação de tal música "não diegética" consistem em: a) invisibilidade, b) inaudibilidade, c) significante de emoção, d) pistas narrativas, e) continuidade, f) unidade e g) a possibilidade da violação de algum de qualquer desses princípios, em função dos demais.

É a partir do panorama modestamente desenhado nesta apresentação que procedemos à organização deste dossiê, buscando tanto a retomada e o aprofundamento de abordagens construídas ou ao menos ensaiadas previamente, quanto o incentivo à proposição de novos caminhos para o estudo das mídias sonoras, em particular o podcast, sem ignorar um fenômeno ou elemento que é sonoro por excelência: a música.

O edição da Radiofonias intitulada *Estudos sobre música e podcast* traz sete artigos de pesquisadoras e pesquisadores de variadas universidades brasileiras e contou a com o apoio de 17 responsáveis pela formulação de pareceres anônimos, além da participação das editoras responsáveis pela revista Debora Lopez Freire (UFOP) Juliana Gobbi Betti (UESC) e Sheila Borges de Oliveira (UFPE). Elas, que são fundamentais para a promoção da identidade editorial e o alto nível acadêmico da Radiofonias, estiveram à disposição durante todo esse processo, para orientar o trabalho realizado pelos editores convidados para a formulação deste dossiê — Carlos Jáuregui (UFOP) e Daniel Gambaro (Unicamp).

Os debates que abrem este dossiê apresentam fenômenos emergentes, que capturam nossa atenção e levam o debate a questões tecnológicas mais profundas que a existência do *podcasting* como áudio distribuído de modo assíncrono. O primeiro texto, *Inteligência artificial e mídias sonoras: perspectivas sobre o uso de automações na produção musical e no podcasting*, de autoria de Estela Magalhães Ribeiro, Gustavo Bernardes Almeida, Cássio de Borba Lucas e Thiago Pereira Alberto, todos da UFRJ, historiciza a crescente onda de uso de Inteligência Artificial Generativa na fonografia e no *podcasting*. Compara, assim, os efeitos dessas ferramentas no campo musical e no mercado de podcasts, inferindo sobre quais "circunstâncias a automação funciona como apoio ao

trabalho humano e em quais situações passa a disputar ou substituir práticas profissionais, criativas e editoriais". As implicações, defende autora e autores, vão de questões de autenticidade e autoria ao enviesamento de recomendações e manipulações informativas.

Já o segundo texto, *Identidade musical algorítmica: dados, narrativa e subjetivação no Spotify Wrapped*, de autoria de Anderson Gomes Paes Barretto (UFMG), tem como objeto o *Spotify Wrapped*, retrospectiva anual que a plataforma produz, de forma personalizada a cada uma das pessoas usuárias, a partir de seus algoritmos de recomendação e dados de uso. Em sua origem, o *Wrapped* servia como objeto de representação identitária, interativo e compartilhável, baseado no gosto musical de cada pessoa. Segundo Barretto, a adição de podcasts na narrativa do gosto pessoal "reforça a ideia de uma identidade sonora que se constrói não apenas pelo gosto musical, mas também pelos conteúdos discursivos consumidos". Ao compartilhar seu próprio *Wrapped* com amigos em sites de redes sociais, portanto, a pessoa "pública uma versão datificada da própria experiência musical, articulando reconhecimento de si, diferenciação e interação social".

E, se de um lado, arquiteturas algorítmicas produzem sentidos, narrativas e regimes de visibilidade/audibilidade, não se pode perder de vista o papel que podcasts especializados no assunto desempenham em termos de curadoria e recomendação. É o caso do artigo *'Conversas com clima de loja de discos': experiências de prescrição musical em podcasts independentes brasileiros*, assinado por Rafael Machado Saldanha (UFRR). O texto discute como ocorre a recomendação em podcasts independentes, por meio da análise de três produções brasileiras. A partir de revisão bibliográfica e de entrevistas semiestruturadas com os criadores de *Discopatas*, *Pitadas do Sal* e *Acorde*, investiga-se como esses podcasts constroem autoridade, organizam práticas de curadoria e estabelecem vínculos com suas audiências.

O papel de selecionar, filtrar e validar a produção musical foi historicamente construído pelo rádio e, como vimos, encontra ecos relevantes no âmbito do

podcasting. Algo semelhante também ocorre com a construção de relatos sonoros que contam histórias de vida e emaranhados de memórias. É o que se discute no artigo *Encantamento, nostalgia e emoção sonora: a construção da narrativa da história de Marcelo D2 no podcast a Playlist da Minha Vida*, dos autores Humberto Trajano e Daniel Nascimento, ambos da UFOP. Com base na análise de um episódio desse programa apresentado por Fernanda Torres, em episódio com a participação do rapper Marcelo D2 como convidado, discutem-se as possibilidades do podcasting na construção de relatos pessoais que acionam o sentimento de nostalgia por meio da música.

As restrições ao uso da música são o tema do quinto artigo deste dossiê, *O Silêncio como Estrutura: A Estética da Restrição no Podcasting Independente Brasileiro entre a Governança Algorítmica e o Regime de Propriedade Intelectual,* de autoria de Tiago Negrão Andrade e João Luiz Alexandre dos Santos (Unesp). Os autores buscam compreender como uma "estética da restrição" emerge a partir das diversas restrições ao uso de músicas em podcasts, como o direito de propriedade intelectual brasileiro e a governança algorítmica das plataformas de distribuição. Tal estética é marcada por "silêncios estratégicos, trilhas genéricas e simplificação do desenho sonoro". Além da regulação jurídico-algorítmica, orçamento reduzido e assimetrias de acesso técnico contribuem para tal efeito. Todavia, afirmam os autores, "classe, território e gênero modulam o acesso à matéria-prima sonora e às condições de sua transformação, produzindo estratificação auditiva que contrasta com a retórica inclusiva da plataformização".

Os dois últimos textos percebem a música como elemento constitutivo da linguagem dos podcasts. Em *A construção sonora do acontecimento: voz, música, efeito sonoro e silêncio no podcast jornalístico*, a autora Kelly De Conti Rodrigues (Faculdade Católica Paulista) argumenta que os regimes sonoros, tal como configurados em podcasts, vão além de suporte expressivo: constituem uma parte importante das operações de percepção. A música, diz Rodrigues, articula-se aos outros elementos sonoros como a fala e o silêncio de modo ativo na construção de sentidos, atuando "na organização da escuta, atribuindo tonalidades afetivas e

estruturando a percepção temporal dos eventos narrados".

Por fim, o artigo que fecha este dossiê, *A música como dispositivo de remix e crítica política no podcast Medo e Delírio em Brasília*, de Gustavo Vilela Ribeiro e Mirna Tonus (UFU), observa as múltiplas potencialidades de uso da música em podcasts jornalísticos, tomando como exemplo uma produção reconhecida pela estética "caótica" e aderente ao universo da cultura pop. Para autor e autora, em Medo e Delírio em Brasília a música, elemento estruturante do comentário político, pode ser analisada a partir de quatro categorias: musicalização de discursos políticos, paródias e apropriação de aura, *leitmotivs* e autoremix. Não atua, assim, de forma isolada: "o podcast configura a música como um agente editorial cuja atuação ultrapassa a ampliação do sentido do discurso verbal, passando a implicar também sua disputa, subversão e ressignificação".

Como podemos perceber pelo conjunto dos textos, as pessoas autoras, uma vez provocadas a pensar a relação entre música e podcasts, transitaram por diferentes abordagens e metodologias. Essa multiplicidade reflete a riqueza dos campos de estudos do som, do rádio, das plataformas e da música. Não se esgotam, aqui, as possibilidades de reflexão - oferecem, todavia, um bom ponto de partida. Boa leitura!

Bibliografia

ARNHEIM, Rudolf. O diferencial da cegueira: estar além dos limites dos corpos. In: MEDITSCH, Eduardo. (org.). **Teorias do rádio: textos e contextos – Vol I.** Florianópolis: Insular, 2005. p. 61-98.

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo. (org.). **Teorias do rádio: textos e contextos – Vol I.** Florianópolis: Insular, 2005. p.327-336.

BENZECRY, Lena. **O samba no rádio: do Rio para o Brasil**. Curitiba: Appris, 2017

BONINI, Tiziano. "Podcasting as a hybrid cultural form between old and new media". In: LINDGREN Mia, LOVIGLIO Jason (*org.*). **The Routledge Companion to Radio and Podcast Studies**. Londres: Taylor & Francis, 2022. p. 19–29. Disponível em: https://doi.org/10.4324/9781003002185. Acesso em 05 out. 2026

CHION, Michel. **A audiovisão: som e imagem no cinema**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2011.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Ed. Summus, 2014.

GAMBARO, Daniel. **A instituição social do rádio**. São Paulo: Gênio Editorial; ECA/USP, 2025.

GAMBARO, Daniel; VICENTE, Eduardo. Entrevista com David King Dunaway: o documentário radiofônico. **Novos Olhares**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 7–19, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2017.131683. Acesso em: 12 set. 2026.

GORBMAN, Claudia. **Unheard melodies: narrative film music**. London: BFI Publishing, 1987.

HAYE, Ricardo. Sobre o discurso radiofônico. In: MEDITSCH, Eduardo (Org). **Teorias do Rádio - Vol I**. Florianópolis: Insular, 2005. p. 347-354

JÁUREGUI, Carlos; VICENTE, Eduardo. A música em podcasts narrativos: diálogos entre estudos de rádio e de som no cinema. **Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 14, p. e36968, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2025v14e36968. Acesso em: 9 set. 2026.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LLINARES, Dario; FOX, Neil; BERRY, Richard. "Introduction: Podcasting and Podcasts — Parameters of a New Aural Culture". In: **Podcasting — New Aural Cultures and Digital Media**. Cham: Palgrave Macmillan, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-319-90056-8_1. Acesso em 05 out. 2026.

MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar; DÍEZ UNZUETA, José Ramón. **Lenguaje, géneros y programas de radio: introducción a la narrativa radiofónica**. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 2005.

Ortiz, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2006, 5ª ed..

Pinto, Theophilo A. **Gente que brilha quando os maestros se encontram: música e músicos da "Era de Ouro" do rádio brasileiro – 1945-1957**. São Paulo: Alameda, 2014.

ROSSETTO, Andrei. dos S.; FERRARETTO, Luiz A. O podcast como instituição social independente: provocações a partir dos estudos radiofônicos no Brasil. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 22, n. 44, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.55738/alaic.v22i44.1059. Acesso em: 12 set. 2026.

SCHAFER, Murray. **A Afinação do mundo.** São Paulo: Ed. da Unesp, 2012.

VICENTE, Eduardo. **Radiodrama em São Paulo: política, estética e marcas autorais no cenário radiofônico paulistano**. São Paulo: ECA- USP, 2024.

VICENTE, Eduardo; MARCHI, Leonardo de. Por uma história da indústria fonográfica no Brasil 1900-2010: uma contribuição desde a Comunicação Social. **Música Popular em Revista**, Campinas, SP, v. 3, n. 1, p. 7–36, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.20396/muspop.v3i1.12957 . Acesso em: 12 set. 2026.